

APRESENTAÇÃO

Neste número temático da **Revista Linguagem**, o leitor verá como as práticas de escrita em língua materna têm se mostrado um objeto de estudo instigante para os estudiosos da linguagem que se preocupam em refletir sobre os seus desafios. Os estudos, aqui apresentados, são frutos de desdobramentos de pesquisas realizadas por pesquisadores de diferentes instituições que procuram, a partir do seu campo teórico, investigar tais práticas. Nosso intuito é, portanto, fazer difundir essas pesquisas que tratam desde a relação entre escrita e fonologia às questões sobre multimodalidade da escrita.

Além dessa diversidade teórico-metodológica, a nossa proposta foi trazer reflexões sobre as práticas de escrita nos diversos níveis escolares, ou seja, escritas produzidas tanto na educação básica quanto no ensino. Para contemplar essa diversidade, os trabalhos foram organizados em três seções: i) a primeira, abordando práticas de escrita de escreventes do ensino fundamental; ii) a segunda, abordando práticas de escrita de escreventes pré-universitários; e iii) a terceira, abordando práticas de escrita de escreventes universitários.

Na primeira seção, no artigo “Hipersegmentação de palavras em textos do EFII: características prosódicas gerais” (TENANI E FIEL), assumindo o arcabouço da Fonologia Prosódica, as autoras analisam tipos de segmentação não-convencionais da palavra escrita com a finalidade de contribuir com as pesquisas sobre os chamados erros ortográficos.

Na segunda seção, os textos analisados foram produzidos por escreventes pré-universitários, ou seja, são textos produzidos em um evento de letramento específico, o vestibular. Nos artigos: “De Dostoievski ao vestibular da Unicamp: um diálogo possível?” (MACIEL), “O gênero redação de vestibular em foco” (BRITO), “A interdiscursividade no registro da história sobre o trabalho em textos de pré-universitários” (ESVAEL) e “Relações intergenéricas no emprego de marcas proverbiais em redações de vestibular: a heterogeneidade como um fator discursivo” (ALVES), os autores, assumindo perspectivas discursivas que visam refletir sobre a opacidade da linguagem tanto a partir das reflexões sobre as relações dialógicas trazidas pelo Círculo de Bakhtin quanto a partir das reflexões advindas da noção de interdiscurso desenvolvidas no campo a Análise do Discurso de Linha Francesa, nos mostram como o gênero redação de vestibular não pode ser visto como uma mera atividade de adequação às regras de uso da língua e à situação de comunicação. Dito isso, o gênero redação de vestibular deixa de ser visto como um mero produto final de um processo de textualização e passa a ser compreendido como um processo sócio-histórico, principalmente, ao mostrar como a escrita faz emergir de modo explícito e/ou implícito a retomada de um já-dito.

Por fim, na terceira seção, os leitores se depararão com pesquisas que têm como objeto de análise produções escritas desenvolvidas na esfera acadêmica. Nos artigos, “O lugar da resenha crítica acadêmica na universidade” (OLIVEIRA), “Não ao ‘lápiz e o papel’: uso de tecnologias digitais na visão do professor em formação inicial” (FROTA, KOMESU e ARROYO) e “A multimodalidade dos letramentos acadêmicos: interface sociocognitiva na produção de textos em contexto universitário” (PINHO e FISCHER), as autoras, assumindo a perspectiva dos Novos Estudos do Letramento, mostram como a escrita acadêmica pode ser vista para além dos modelos de habilidade e de sociabilização, ou seja, reconhecem a escrita acadêmica como prática social, contestando o modelo do déficit da escrita. Além disso, os trabalhos mostram como a questão da escrita não está centrada apenas no seu aspecto verbal, mas também no seu aspecto não verbal.

Luiz André Neves de Brito (UFSCar)

Lucas Vinício de Carvalho Maciel (UERN)